

Horas depois, Anail é encontrada na rodovia a cerca de 60 quilômetros de Pilares. Chumbinho seguiu em frente, sem passar pelo bloqueio montado no posto policial. Retornou ao presídio no camburão amarelo da polícia rodoviária, algemado, com hematomas nos braços e nas costas. Foi o prêmio que ganhou por resistir à prisão.

Anail prestou depoimento na delegacia logo após sua chegada à cidade. Conseguiu carona em um carro até Pilares. O motorista não fez exigências. Afinal, ia para Rio Pardo e a moça mora no caminho.

Foi um depoimento rápido, sem interesse dela e do delegado em se manterem frente a frente por muito tempo. Era uma situação constrangedora para ambos, mesmo estando eles na presença de outros policiais, o que impedia também qualquer tentativa de retomada da conversa anterior.

Ao sair da delegacia, Anail foi praticamente atacada pela imprensa. O repórter da TV fez sinal para que a câmera fosse ligada e perguntou, antes que a rádio e o jornal se manifestassem.

- Como você se sentiu seqüestrada?

A moça olhou para o microfone, encabulada desviou o olhar da câmera e permaneceu calada. O repórter, sem perceber a mesmice da pergunta, repetiu as palavras.

- Como você se sentiu seqüestrada, ele te machucou?

- Não, ele é um cavalheiro. Foi muito gentil.

- Mas ele seqüestrou você! – retrucou o repórter, não aceitando o comportamento da moça que parecia defender o bandido. - Ele te violentou?

- Não, o Chumbinho é incapaz de fazer mal a uma pessoa, nem mesmo a uma mosca. Ele só me usou pra poder escapar.

Ela não demonstra convicção ao falar. A voz fraca e a cabeça meio abaixada passam medo e insegurança, ou seria compaixão e amor?

- Mesmo assim ele está preso – o repórter insistiu - você não acha certo prender os bandidos?

- Claro que é, mas ele é um cara muito legal.

As lágrimas caíram dos olhos de Anail que permaneceu imóvel e calada, dando assim oportunidade a que lhe questionassem a um só tempo. Algumas perguntas pareciam pouco claras, outras sequer ouvia bem e, por fim, nada mais escutou. Sua cabeça estava lá, nos momentos em que ficou no carro a sós com Chumbinho, estacionados à margem da rodovia entre densos arbustos, numa tentativa de fuga. Instantes de envolvimento, angústia, temor e tolerância. Nada argumentou quando o seqüestrador ordenou que sentasse no banco traseiro e então ficaram juntos, sem que ninguém os interrompesse. Percebeu que mesmo um fora-da-lei pode ser atencioso, cativar uma mulher e satisfazê-la.

Um tanto preocupados, os repórteres insistem nas perguntas. Ela não responde, os olhos distantes nada vêem e o cérebro se limita a montar imagens de prazer e aconchego. Lentamente volta à realidade, vê as pessoas preocupadas e uma enorme algazarra que incomoda os ouvidos. Os lábios se abrem com um sorriso enigmático de alegria e repentinamente o choro convulsivo toma conta de Anail. Ela cobre o rosto com as mãos e chora, chora muito como se tivesse acumulado lágrimas durante todo o seqüestro. Ao delegado Prates, numa conversa estritamente profissional, disse que nada a magoou, que o seqüestrador se portou bem e nenhum mal lhe fizera. Agora, assustada, temendo uma possível acusação de conivência com o fugitivo, age contra os sentimentos que sente por Chumbinho e mente.

- Ele é um bandido, ele é criminoso, me desrespeitou. – Anail força o choro para dar mais credibilidade a sua mentira. – Ele não presta!

- Então ele te violentou?

- É, ele não presta – balbuciou entre soluços, sem negar as palavras que o repórter colocou em sua boca, dando a entender que realmente fora estuprada.

O delegado se aproximou e interrompeu a entrevista que já se transformara num aglomerado de curiosos. Colocou a moça no seu carro e a levou para casa. Não trocaram uma só palavra durante o percurso. Ao chegar, ela desceu, fechou a porta do carro, secou os olhos ainda úmidos e se abaixou para ver Prates. Olhou para ele com grande desprezo.

- Adeus, obrigada! – e seguiu para o portão.

Em casa, a mãe a recebeu com o neto no colo. Anail ansiava por abraçá-lo e praticamente arrancou o menino dos braços da avó. Beijou e apertou o filho com força, como se estivesse distante dele há muitos anos, e só depois olhou e abraçou a mãe. Já não chorava mais. Um imenso cansaço pesou-lhe nos ombros e então lembrou que tinha marido. Olhou para Alex e sorriu.

Enquanto o Futuro Passa - Antônio Linus Rech

- Vou tomar um banho e depois conto tudo. Está tudo bem, eu estou bem.

- Vamos filha, vem tomar teu banho, eu pego uma toalha para você.

O marido nada comentou, afinal ela vivera momentos muito difíceis, queira Deus não tenha sofrido nas mãos daquele bandido.